

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

O

S

S

p

Temporada 2025

e

Orquestra
Sinfônica do
Estado de
São Paulo

20, 21 e 22 de março

20 DE MARÇO,
QUINTA-FEIRA, 20H00

21 DE MARÇO,
SEXTA-FEIRA, 20H00

22 DE MARÇO,
SÁBADO, 16H30

Sala São Paulo

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

Thierry Fischer REGENTE

Marc-André Hamelin PIANO

ANDREW NORMAN [1979]

Revolve [2024] [ENCOMENDA OSESP | ESTREIA MUNDIAL]

10 MINUTOS

LEONARD BERNSTEIN [1918-1990]

Sinfonia n^o 2 – The age of anxiety [A ERA DA ANSIEDADE] [1949]

1. THE PROLOGUE
2. THE SEVEN AGES (VARIAÇÕES 1 A 7)
3. THE SEVEN STAGES (VARIAÇÕES 8 A 14)
4. THE DIRGE
5. THE MASQUE
6. THE EPILOGUE

35 MINUTOS

INTERVALO DE 20 MINUTOS

GEORGE GERSHWIN [1898-1937]

Rhapsody in blue [ORQUESTRAÇÃO DE FERDE GROFÉ] [1924]

16 MINUTOS

LEONARD BERNSTEIN [1918-1990]

West Side story: Danças sinfônicas [1957-1960]

1. PROLOGUE (ALLEGRO MODERATO)
2. SOMEWHERE (ADAGIO)
3. SCHERZO (VIVACE E LEGGIERO)
4. MAMBO (MENO PRESTO)
5. CHA-CHA (ANDANTINO CON GRAZIA)
6. MEETING SCENE (MENO MOSSO)
7. COOL – FUGUE (ALLEGRETTO)
8. RUMBLE (MOLTO ALLEGRO)
9. FINALE (ADAGIO)

22 MINUTOS

ANDREW NORMAN

GRAND RAPIDS, MICHIGAN, ESTADOS UNIDOS, 1979

Revolve [2024] [ENCOMENDA OSEP | ESTREIA MUNDIAL]

ORQUESTRAÇÃO: 3 FLAUTAS, 3 OBOÉS, 3 CLARINETES,
3 FAGOTES, 4 TROMPAS, 3 TROMPETES, 3 TROMBONES, TUBA,
PERCUSSÃO E CORDAS.

Andrew Norman tem confesso amor por formas artísticas que se desenvolvem gradualmente no tempo, conduzindo o público a lugares inesperados, como as instalações luminosas de James Turrell ou o teatro experimental de Robert Wilson. Na música, entusiasma-se também com gêneros que obedecem a rigorosas proporções ou leis, como alguns motetos renascentistas, as fugas barrocas e certos modelos minimalistas. Sua produção, por certo, ecoa tais inclinações estéticas e, como aponta o compositor, ora se expressa de forma “maximalista, frenética, fragmentária e selvagem”, ora decorre de planejamentos matemáticos e manipulações de proporções que geram mudanças calculadas e graduais.

Ilustrativo dessa segunda vertente criativa, *Revolve* gravita em torno da noção de órbita e traduz em música trajetórias circulares, movimentos de expansão e contração, e deslocamentos de energia característicos dos corpos celestes e, ressalta o compositor, humanos. Percorrendo uma jornada cíclica de afastamento e retorno, a obra explora materiais sonoros elementais. Assim, uma nota longa de variada intensidade realizada por um instrumento, por exemplo, alastra-se progressivamente pela orquestra, se intensificando e se rarefazendo, se demorando e se apressando, a fim de criar ondas e ciclos sonoros de diferentes grandezas, que são engolidos por um vórtex no centro da obra. Como as órbitas e rotações dos corpos celestes, a peça é regida por um sistema estrito — uma espécie de lei da gravidade musical. Também os gestos dos músicos tocando seus instrumentos compõem *Revolve*, cujos efeitos sonoros cíclicos e ondulantes devem ser percebidos, espera Norman, não apenas pelos ouvidos, mas também pelos olhos.

Igor Reis Reyner

ESCRITOR, PESQUISADOR E PIANISTA. DOUTOR EM LETRAS PELO KING’S COLLEGE LONDON. AUTOR DO LIVRO *CORPO SONORO & SOUND BODY* (IMPRESSÕES DE MINAS, 2022).



Instalação imersiva do artista visual americano James Turrell.

LEONARD BERNSTEIN

LAWRENCE, ESTADOS UNIDOS, 1918 – NOVA YORK, ESTADOS UNIDOS, 1990

Sinfonia nº 2 – The age of anxiety [A ERA DA ANSIEDADE] [1949]

ORQUESTRAÇÃO: PICCOLO, 3 FLAUTAS, 2 OBOÉS, CORNE-INGLÊS,
2 CLARINETES, CLARONE, 2 FAGOTES, CONTRAFAGOTE, 4 TROMPAS,
3 TROMPETES, 3 TROMBONES, TUBA, TÍMPANOS, PERCUSSÃO, PIANINO,
2 HARPAS E CORDAS.

Em 1947, W. H. Auden publicou um longo poema intitulado “A era da ansiedade”. O texto apresenta ao leitor quatro desconhecidos angustiados com a falta de sentido da existência (“The prologue”) e, então, os acompanha até um bar, onde trocam impressões sobre as diferentes etapas da vida, do nascimento à morte (“The seven ages”). Eles concluem que em nenhuma delas é possível ser feliz, ao menos no mundo moderno – o que os leva a especulações cada vez mais embriagadas sobre civilizações antigas (“The seven stages”). Quando o bar fecha, tomam um táxi e, durante a viagem, lamentam a perda do “pai colossal” (“The dirge”). Chegando ao apartamento de um deles, improvisam uma pequena festa, na esperança de que o sexo preencha o vazio que sentem (“The masque”). Mas nada acontece e, de manhã, os quatro retornam à solidão habitual (“Epilogue”).

Nesse poema ácido, em que tudo é frustração, Leonard Bernstein encontrou a expressão mais bem-acabada da crise moral dos Estados Unidos. Na vida privada, ela se manifestava como uma corrida aos divãs: pessoas que antes ostentavam uma individualidade orgulhosa recorriam a Freud para entender por que se sentiam sem rumo. No cinema, podia ser vista na substituição dos cowboys pelos anti-heróis do cinema *noir* e das mocinhas pelas cínicas *femmes fatales*. Mesmo na pintura houve um salto do realismo das obras do período da Grande Depressão para a abstração. Assim que leu o poema, o compositor ficou obcecado com a ideia de trazer esse novo clima cultural para dentro da sinfonia – um gênero por natureza mais afeito à celebração triunfal do que ao pessimismo.

Sua *Sinfonia nº 2* segue de perto a estrutura do texto de Auden, mas não pretende meramente ilustrá-lo. Em “The prologue”, por exemplo, o dueto de clarinetes não nos introduz às personagens do texto, mas, sim, ao seu ambiente soturno. Essa breve seção se encerra com uma escala descendente da flauta, que, segundo Bernstein, serve de “ponte para o reino do inconsciente”. Em seguida, “The seven ages” e “The seven stages” assumem a forma de dois conjuntos de sete variações. Emulando a dinâmica das conversas de mesa de bar, as variações não possuem um tema fixo, partindo sempre de algo colocado na variação precedente.

Abrindo a segunda parte da obra, “The dirge” faz as vezes do habitual movimento lento. Aqui a nostalgia pela ordem patriarcal é retratada de maneira irônica, com alusões à música dodecafônica e passagens de um “romantismo quase brahmsiano”, centradas no piano. A festa de “The masque”, por sua vez, é uma espécie de *scherzo*. Igualmente mordaz, essa seção se vale do jazz para registrar a euforia passageira das personagens. Surpreendentemente, no “Epilogue” temos um desenlace apoteótico digno das mais otimistas sinfonias de Aaron Copland. A intenção de Bernstein, contudo, é zombar do final feliz. Depois de retratar ao longo de toda a obra a “problemática procura da fé” em um tempo de incertezas e ambiguidades, o compositor conclui com um céu azul que é, em suas palavras, “estritamente Warner Brothers”.



Bernstein e Serge Koussevitzky após a apresentação de *The age of anxiety*, em Tanglewood em 11 de agosto de 1949.

Bernstein escreveu a obra em aeroportos e quartos de hotel, entre seus numerosos compromissos como regente. A partitura foi concluída a apenas três semanas da estreia, que se deu em abril de 1949. Na ocasião, o compositor se sentou ao piano e deixou a direção da Sinfônica de Boston a cargo de seu mentor, Serge Koussevitzky, a quem a sinfonia é dedicada; o que não deixa de ser adequado, já que o instrumento funciona aqui como “um protagonista quase autobiográfico, colocado diante de um espelho orquestral no qual ele se vê, analiticamente, no ambiente moderno”.

Paulo Sampaio

DOCTORANDO EM MÚSICA E MESTRE EM FILOSOFIA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. EM 2024 SE FORMOU NO CURSO LIVRE DE REDAÇÃO E CRÍTICA MUSICAL DA ACADEMIA DE MÚSICA DA OSESP.

¹Esta e as demais citações foram retiradas de uma nota de programa escrita pelo compositor em 1965, exceto quando indicado o contrário. A nota pode ser consultada nos arquivos digitais da Orquestra Filarmônica de Nova York.

²PEYSER, Joan. *Leonard Bernstein: A biography*. Nova York: Billboard Books, 1998, p. 184.

PAUL WHITEMAN
 ... AND HIS ...
PALAIS ROYAL ORCHESTRA

WILL OFFER

**An Experiment
 in Modern Music**

ASSISTED BY

**ZEZ CONFREY and
 GEORGE GERSHWIN**

New Typically American Compositions by VICTOR
 HERBERT, IRVING BERLIN and GEORGE
 GERSHWIN will be played for the first time.

AEOLIAN CONCERT HALL
 ENTRANCE AND BOX OFFICE 34 WEST 41st STREET

Tuesday, February 12, 1924

Lincoln's Birthday, at 3 P. M.
 Tickets on Sale Now: **From 55c to \$2.20**

Victor Records Exclusively
 Chickering Pianos Buescher Band Instruments

Cartaz divulgando o concerto no qual *Rhapsody in blue* foi executada pela primeira vez em 1914.

GEORGE GERSHWIN

BROOKLIN, NOVA YORK, ESTADOS UNIDOS, 1898 –

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA, ESTADOS UNIDOS, 1937

Rhapsody in blue [ORQUESTRAÇÃO DE FERDE GROFÉ] [1924]

ORQUESTRAÇÃO: 2 FLAUTAS, 2 OBOÉS, 2 CLARINETES, CLARONE,
 2 FAGOTES, 3 TROMPAS, 3 TROMPETES, 3 TROMBONES, TUBA,
 TÍMPANOS, PERCUSSÃO, 2 SAXOFONES ALTOS, SAXOFONE TENOR,
 BANJO E CORDAS.

No dia 4 de janeiro de 1924, o *bandleader* Paul Whiteman anunciou nas páginas do *New York Herald* que, dentro de pouco mais de um mês, ele e seu conjunto apresentariam ao público de Manhattan um audacioso “experimento em música moderna”. Concebido como um panorama da história do jazz, o espetáculo culminava em um “concerto jazzístico” para piano e orquestra de George Gershwin. Os leitores do jornal devem ter se admirado com o salto do celebrado compositor de canções para a música clássica e, ainda mais, com sua intenção de misturar linguagens até então segregadas. Ninguém, porém, se surpreendeu tanto quanto o próprio Gershwin. A obra alardeada por Whiteman simplesmente não existia.

Eles já haviam discutido a possibilidade de algo nessa linha, sem no entanto firmarem qualquer compromisso. Ao que parece, tudo que Gershwin tinha quando leu o anúncio era a intenção de compor “um tipo de caleidoscópio musical dos Estados Unidos – de nosso vasto caldeirão de culturas, de nossa verve nacional inigualável, de nossa loucura metropolitana”. Trabalhando com rapidez espantosa, porém, entre os dias sete de janeiro e três de fevereiro, conseguiu transformar essa ideia em um manuscrito de 56 páginas. Como ainda não tinha experiência com orquestração, Gershwin escreveu a partitura para dois pianos e a entregou imediatamente para Ferde Grofé, arranjador oficial do conjunto de Whiteman.

Em 12 de fevereiro, *Rhapsody in blue* foi tocada pela primeira vez, numa versão para orquestra de jazz e tendo o próprio compositor como solista. Assim que soou o glissando de clarinete da abertura – o qual, diga-se de passagem, foi improvisado pelo clarinetista Ross Gorman e posteriormente incorporado por Gershwin – o público percebeu que estava diante de uma reviravolta na música de concerto americana. Finalmente, as sonoridades da música popular exigiam seus direitos. Só pelo título a obra já seria uma provocação. Afinal, ele faz referência ao gênero musical que nasceu com os negros do delta do Mississippi e desembocou no jazz e, como se não bastasse, sugere que o tom da peça é “blue”, e não o Si bemol maior que escutamos na cadência final. O trocadilho remete a um elemento profundamente enraizado da musicalidade afro-americana: as chamadas *blue notes*, que alteram a escala tradicional de modo a tornar mais incerta a distinção entre tonalidades maiores e menores.

OUÇA A
GRAVAÇÃO
DE LEONARD
BERNSTEIN E A
SINFÔNICA DE
COLUMBIA PARA
A RHAPSODY
IN BLUE:



Comumente escutada na versão sinfônica escrita por Grofé em 1942, a peça passeia por quatro temas principais tocados ora pela orquestra, ora pelo solista em suas *cadenzas* vertiginosas. Com esse jogo livre de melodias contrastantes, ela evoca as várias facetas do espírito do povo americano. Nesse sentido, podemos inseri-la numa linhagem que remonta ao nacionalismo romântico e que inclui obras como as *Rapsódias húngaras* de Franz Liszt, as *Rapsódias norueguesas* de Johan Svendsen e as *Rapsódias eslavas* de Antonín Dvorák.

Alguns diriam que Gershwin retrata o espírito americano de modo parcial, apropriando-se da música negra apenas para torná-la palatável aos ouvidos da elite. Essa talvez fosse a intenção de Whiteman, proclamado “rei do jazz” numa época de marginalização de artistas negros e sempre cioso da diferença entre o “jazz bruto de antigamente” e sua respeitável música de entretenimento leve². Gershwin, por outro lado, insistia que *Rhapsody in blue* carrega todos os sotaques do Brooklyn e toda a emoção de “uma garota retinta que canta e grita seu blues num cabaré do Harlem”. “Ela é a Nova York inteira, a América inteira”, declarou. “É isso que dá peso a ela”³.

Paulo Sampaio

¹ POLLACK, Howard. *George Gershwin: His life and work*. Berkeley: University of California Press, 2006, p. 297.

² A comparação encontra-se em uma entrevista concedida ao jornal *The Sunday Post* em março de 1926.

³ POLLACK, 2006, p. 309.

LEONARD BERNSTEIN

LAWRENCE, ESTADOS UNIDOS, 1918 – NOVA YORK, ESTADOS UNIDOS, 1990

West Side story: Danças sinfônicas [1957-1960]

ORQUESTRAÇÃO: PICCOLO, 3 FLAUTAS, 2 OBOÉS, CORNE-INGLÊS, 2 CLARINETES, REQUINTA, CLARONE, 2 FAGOTES, CONTRAFAGOTE, 4 TROMPAS, 3 TROMPETES, 3 TROMBONES, TUBA, TÍMPANOS, PERCUSSÃO, CELESTA, PIANO, HARPA, SAXOFONE ALTO E CORDAS.

“Por que seguir escrevendo sinfonias na América para um público que não se importa nem um pouco com isso?”. Em seu ensaio “Que fim levou a grande sinfonia americana?” [1954], Bernstein se depara com essa pergunta na carta de um empresário da Broadway que tenta convencê-lo a escrever canções para sua nova produção. Diante da resistência do compositor, que alega que sua próxima sinfonia é importante demais para que ele perca tempo com o *show business*, o empresário apresenta um argumento engenhoso. Diz ele que a música surge do teatro, em estreita ligação com o canto e a dança, e que, portanto, precisa se desenvolver no solo firme dos gêneros ligados ao corpo e à palavra antes de alçar o voo livre da sinfonia. A seu juízo, esse processo havia se completado na Europa, mas não nos Estados Unidos. Sendo assim, a tarefa histórica dos americanos era elevar o teatro musical ao patamar da grande arte. Bernstein se diverte com seu raciocínio um tanto esquemático, mas acaba aceitando suas conclusões. “Planos mudaram decidi aceitar espetáculo”, diz seu último telegrama.

O diálogo fictício entre o compositor e o empresário-musicólogo é na verdade um pequeno manifesto. Com efeito, o ensaio assinala um ponto de virada na visão de Bernstein sobre sua própria produção: dali em diante, ele deixou de ver seus musicais como trabalhos menores. Com a opereta *Candide* [1956] e, sobretudo, com *West Side story* [1957], ele finalmente pôs abaixo a hierarquia entre arte e entretenimento. O musical que transporta *Romeu e Julieta* para as ruas de Manhattan é uma obra-prima, que faz da dissonância uma expressão tanto do amor de Tony e Maria como do conflito racial que os separa.



Leonard Bernstein nos bastidores com o elenco de *West Side story*, em 1957.

Em 1961, Bernstein e os compositores responsáveis pela adaptação do musical para o cinema, Sid Ramin e Irwin Kostal, selecionaram nove números do espetáculo para formar as *Danças sinfônicas*. Com algumas das grandes melodias de um dos grandes melodistas do século xx articuladas em uma estrutura musical coerente, a peça é divertida, inteligente e profundamente expressiva. Marin Alsop, que estudou regência com Bernstein, o descreveu certa vez como “o amálgama perfeito de alta cultura, baixa cultura e todo outro tipo de cultura”². É exatamente isso que escutamos nessa suíte que vai da romântica “Somewhere” à agressiva “Rumble”, passando por um animado “Mambo” e pelo jazz contrapontístico de “Cool”.

Paulo Sampaio

¹ BERNSTEIN, Leonard. *The joy of music*. Cambridge: Amadeus Press, 2004.

² Entrevista publicada no jornal *The Guardian* em 12 de julho de 2018.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1954, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se diretor musical e regente titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. Possui quase 100 álbuns gravados (cerca de metade deles por seu próprio selo, com distribuição gratuita) e transmite ao vivo mais de 60 concertos por ano, além de conteúdos especiais sobre a música de concerto. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, Estados Unidos, Europa e China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como o Concertgebouw de Amsterdam, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Thierry Fischer REGENTE

Desde 2020, Thierry Fischer é diretor musical da Oseps, cargo que também assumiu em setembro de 2022 na Orquestra Sinfônica de Castilla y León, na Espanha. De 2009 a junho de 2023, atuou como diretor artístico da Sinfônica de Utah, da qual se tornou diretor artístico emérito. Foi principal regente convidado da Filarmônica de Seul [2017-2020] e regente titular (agora convidado honorário) da Filarmônica de Nagoya [2008-2011]. Já regeu orquestras como a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, as Sinfônicas da BBC, de Boston e Cincinnati e a Orchestre de la Suisse Romande. Também esteve à frente de grupos como a Orquestra de Câmara da Europa, a London Sinfonietta e o Ensemble intercontemporain. Thierry Fischer iniciou a carreira como Primeira Flauta em Hamburgo e na Ópera de Zurique. Gravou com a Sinfônica de Utah, pelo selo Hyperion, *Des canyons aux étoiles* [Dos cânions às estrelas], de Olivier Messiaen, selecionado pelo prêmio Gramophone 2023, na categoria orquestral. Na Temporada 2024, embarcou junto à Oseps para a turnê internacional em comemoração aos 70 anos da Orquestra.



Marc-André Hamelin PIANO

Reconhecido mundialmente por sua fusão excepcional de musicalidade e virtuosismo técnico, Hamelin se apresenta regularmente com algumas das principais orquestras do mundo e em prestigiadas salas de concerto e festivais internacionais. Na temporada 2024-2025, faz recitais na China, na Coreia do Sul e no Japão. Na Europa, apresenta-se em cidades como Varsóvia, Copenhague, Toulouse, Florença, Budapeste, Hamburgo e Londres. No Brasil, retorna à Oseps para concerto e recital. Na América do Norte, Hamelin se apresenta no Carnegie Hall e colabora com orquestras como as de Cleveland, Montreal, Atlanta, Quebec, Ottawa e Edmonton. Participa de festivais como Schubertiade, Banff Center e Lanaudière. Artista exclusivo da Hyperion Records, lançou quase 90 álbuns, com repertórios solo, sinfônico e de câmara. Nascido em Montreal, Hamelin já recebeu diversas honrarias, incluindo Juno Awards e indicações ao Grammy. É Oficial da Ordem do Canadá, Cavaleiro da Ordem Nacional do Quebec e membro da Sociedade Real do Canadá.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp			
DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR			
Thierry Fischer			
VIOLINOS			
Emmanuele Baldini SPALLA			
Cláudio Cruz SPALLA CONVIDADO			
Davi Graton SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS			
Yuriy Rakevich			
SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS			
Adrian Petrutiu			
SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS			
Amanda Martins			
SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS			
Igor Sarudiansky			
CONCERTINO – PRIMEIROS VIOLINOS			
Matthew Thorpe			
CONCERTINO – SEGUNDOS VIOLINOS			
Alexey Chashnikov			
Anderson Farinelli			
Andreas Uhlemann			
Camila Yasuda			
Carolina Kliemann			
César A. Miranda			
Cristian Sandu			
Déborah Santos			
Elena Klementieva			
Elina Suris			
Florian Cristea			
Gheorghe Voicu			
Guilherme Peres			
Irina Kodin			
Katia Spássova			
Leandro Dias			
Marcio Kim			
Paulo Paschoal			
Rodolfo Lota			
Soraya Landim			
Sung-Eun Cho			
Svetlana Tereshkova			
Tatiana Vinogradova			
		VIOLAS	
		Horácio Schaefer SOLISTA EMÉRITO	
		Maria Angélica Cameron CONCERTINO	
		Peter Pas CONCERTINO	
		André Rodrigues	
		Andrés Lepage	
		David Marques Silva	
		Éderson Fernandes	
		Galina Rakhimova	
		Olga Vassilevich	
		Sarah Pires	
		Simeon Grinberg	
		Vladimir Klementiev	
		VIOLONCELOS	
		Kim Bak Dinitzen SOLISTA	
		Heloisa Meirelles CONCERTINO	
		Rodrigo Andrade CONCERTINO	
		Adriana Holtz	
		Bráulio Marques Lima	
		Douglas Kier	
		Jin Joo Doh	
		Maria Luísa Cameron	
		Marialbi Trisolio	
		Regina Vasconcellos	
		CONTRABAIXOS	
		Ana Valéria Poles SOLISTA	
		Pedro Gadelha SOLISTA	
		Marco Delestre CONCERTINO	
		Max Ebert Filho CONCERTINO	
		Alexandre Rosa	
		Almir Amarante	
		Cláudio Torezan	
		Jefferson Collacico	
		Lucas Amorim Esposito	
		Ney Vasconcelos	
		FLAUTAS	
		Claudia Nascimento SOLISTA	
		Fabíola Alves PICCOLO	
		José Ananias	
		Sávio Araújo	
		OBOÉS	
		Arcadio Minczuk SOLISTA	
		Natan Albuquerque Jr. CORNE-INGLÊS	
		Peter Apps	
		Ricardo Barbosa	
		CLARINETES	
		Ovanir Buosi SOLISTA	
		Sérgio Burgani SOLISTA	
		Daniel Rosas REQUINTA	
		Nivaldo Orsi CLARONE	
		Giuliano Rosas	
		FAGOTES	
		Alexandre Silvério SOLISTA	
		José Arion Liñarez SOLISTA	
		Romeu Rabelo CONTRAFAGOTE	
		Francisco Formiga	
		TROMPAS	
		Luiz Garcia SOLISTA	
		André Gonçalves	
		José Costa Filho	
		Nikolay Genov	
		Luciano Pereira Do Amaral	
		TROMPETES	
		Fernando Dissenha SOLISTA	
		Antonio Carlos Lopes Jr. SOLISTA*	
		Marcos Motta UTILITY	
		Marcelo Matos	
		TROMBONES	
		Darcio Gianelli SOLISTA	
		Wagner Polistchuk SOLISTA	
		Alex Tartaglia	
		Fernando Chipoletti	
		TROMBONE BAIXO	
		Darrin Coleman Milling SOLISTA	
		TUBA	
		Filipe Queirós SOLISTA	
		TÍMPANOS	
		Elizabeth Del Grande SOLISTA EMÉRITA	
		Ricardo Bologna SOLISTA	
		PERCUSSÃO	
		Ricardo Righini 1ª PERCUSSÃO	
		Alfredo Lima	
		Armando Yamada	
		Rubén Zúñiga	
		HARPA	
		Liuba Klevtsova SOLISTA	
		CONVIDADOS DESTE PROGRAMA	
		Andrea Campos VIOLINO	
		Samuel Dias VIOLINO	
		Douglas Braga SAXOFONE ALTO	
		Jesiel Pinheiro SAXOFONE ALTO	
		Samuel Alves SAXOFONE TENOR	
		Eduardo Giancesella PERCUSSÃO	
		Cecilia Moita PIANINO E CELESTA	
		* CARGO INTERINO	
		** ACADEMISTA DA OSESP	
		*** CARGO TEMPORÁRIO	
		OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.	

Governo do Estado de São Paulo

GOVERNADOR
Tarcísio de Freitas

VICE-GOVERNADOR
Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

SECRETÁRIA DE ESTADO
Marília Marton

SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marcelo Henrique Assis

CHEFE DE GABINETE
Daniel Scheiblich Rodrigues

COORDENADORA DAS UNIDADES DE FORMAÇÃO
CULTURAL E DIFUSÃO, BIBLIOTECAS E LEITURA
Adriane Freitag David

COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO
DOS CONTRATOS DE GESTÃO
Marina Sequetto Pereira

COORDENADORA DA UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO
Mariana de Souza Rolim

COORDENADORA DA UNIDADE DE FOMENTO
E ECONOMIA CRIATIVA
Liana Crocco

Fundação Osesp

PRESIDENTE DE HONRA
Fernando Henrique Cardoso

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Pedro Pullen Parente PRESIDENTE
Stefano Bridelli VICE-PRESIDENTE
Ana Carla Abrão Costa
Célia Kochen Parnes
Claudia Nascimento
Luiz Lara
Marcelo Kayath
Mario Engler Pinto Junior
Mônica Waldvogel
Ney Vasconcelos
Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO
Fernando Henrique Cardoso PRESIDENTE
Celso Lafer
Fábio Colletti Barbosa
Horacio Lafer Piva
Pedro Moreira Salles

DIRETOR EXECUTIVO
Marcelo Lopes

SUPERINTENDENTE GERAL
Fausto A. Marcucci Arruda

SUPERINTENDENTE DE COMUNICAÇÃO
E MARKETING
Mariana Stanisci

CONHEÇA TODA A EQUIPE EM:
[HTTPS://FUNDACAO-OSERP.ART.BR/FOESP/PT/SOBRE](https://fundacao-osesp.art.br/foesp/pt/sobre)

Osesp duas e trinta

Embarque no fim de semana:
concertos sexta à tarde na
Sala São Paulo por **R\$ 42,00.**

Próximos concertos:

- 28/03** - Sonia Rubinsky se encontra com Villa-Lobos
18/04 - Páscoa na Sala: a *Paixão segundo São João*, de Bach
16/05 - Romeu, Julieta, *Sonhos de inverno* e a percussão
06/06 - Semana do Meio Ambiente: terra, mar e os planetas
29/08 - Embarque nas mil e uma noites de Rimsky-Korsakov
19/09 - Da música colonial brasileira a uma favorita de Tchaikovsky
31/10 - Viaje à encantadora pátria de Smetana
14/11 - *Sinfonia Órgão*, um autorretrato de Saint-Saëns
12/12 - A beleza profunda entre a *Patética* e a *Glória*



Adquira seus ingressos em **osesp.art.br**

Próximos concertos

27, 28 E 29 DE MARÇO
SALA SÃO PAULO

Osesp

Roberto Minczuk REGENTE

Sonia Rubinsky PIANO

Marly Montoni SOPRANO

*Estreia mundial de peça de
Esteban Benzecry e obras de
Heitor Villa-Lobos, Elodie
Bouly e Sergei Rachmaninov.*

3, 4 E 5 DE ABRIL

Osesp

Emilia Hoving REGENTE

Kim Bak Dinitzen VIOLONCELO

Horácio Schaefer VIOLA

*Estreia latino-americana
de peça de Unsuk Chin e
obras de Carl Nielsen e
Richard Strauss.*



Agenda completa e ingressos

Algumas dicas

Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago.

Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.

Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

Serviços

Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.

Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.

Loja Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção, infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.

Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos — mediante reserva pelo telefone **(11) 3333-3441**.

Acesso à Sala

Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.

Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:
www.salasaopaulo.art.br/servicos

WWW.OSESP.ART.BR

 @OESP_

 /OESP

 /VIDEOSOESP

 /@OESP

ESCUTE A OESP

 SPOTIFY

 APPLE MUSIC

 DEEZER

 AMAZON MUSIC

 IDAGIO

WWW.SALASAOPAULO.ART.BR

 @SALASAOPAULO_

 /SALASAOPAULO

 /SALASAOPAULODIGITAL

 /@SALASAOPAULO

WWW.FUNDACAO-OESP.ART.BR

 /COMPANY/FUNDACAO-OESP/

Créditos de Livreto

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

MARIANA GARCIA

SUPERVISORA DE PUBLICAÇÕES

JESSICA CRISTINA JARDIM

DESIGNERS

BERNARD BATISTA

BERNARDO CINTRA

ANA CLARA BRAIT

REVISÃO CRÍTICA DAS NOTAS: IGOR REIS REYNER

P. 5 INSTALAÇÃO IMERSIVA DO ARTISTA VISUAL

AMERICANO JAMES TURRELL. ©JAMES TURRELL,

PHOTO: DAVID LAUER PHOTOGRAPHY

P. 8 BERNSTEIN E SERGE KOUSSEVITZKY APÓS

A APRESENTAÇÃO DE *THE AGE OF ANXIETY*, EM

TANGLEWOOD EM 11 DE AGOSTO DE 1949. ©LIBRARY

OF CONGRESS

P. 10 CARTAZ DIVULGANDO O CONCERTO NO QUAL

RHAPSODY IN BLUE FOI EXECUTADA PELA PRIMEIRA

VEZ EM 1914. ©LEAGUE OF AMERICAN ORCHESTRAS

P. 15 LEONARD BERNSTEIN NOS BASTIDORES COM O

ELENCO DE *WEST SIDE STORY*, EM 1957.

©LIBRARY OF CONGRESS

P. 17 OESP. ©MARIO DAIOLA

P. 18 THIERRY FISCHER. ©MARCO BORGGREVE

P. 19 MARC-ANDRÉ HAMELIN. ©CANETTY CLARKE

Na identidade visual da Osesp, cada cor da paleta leva o nome de um sentimento. Nesta capa, usamos Curiosidade, inspirada pela *Sinfonia nº 2 – The age of anxiety* de Leonard Bernstein.

COMUNICAÇÃO FUNDAÇÃO OSESP, 2025



REALIZAÇÃO



PRONAC: 245467